



HAL
open science

Céramiques aux îles d'Amérique : la part de la Méditerranée (XVIIe-XIXe s.)

Henri Amouric, Guergana Guionova, Lucy Vallauri

► **To cite this version:**

Henri Amouric, Guergana Guionova, Lucy Vallauri. Céramiques aux îles d'Amérique : la part de la Méditerranée (XVIIe-XIXe s.). Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo, Silves, 22 a 27 .outubro 2012, Oct 2012, Silves, Portugal. pp.440-454. halshs-01309583v2

HAL Id: halshs-01309583

<https://shs.hal.science/halshs-01309583v2>

Submitted on 5 Jul 2017

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

X ACTAS DO
Congresso
Internacional
**A CERÂMICA MEDIEVAL
NO MEDITERRÂNEO**
SILVES 22 a 27.outubro'12



Coordenação editorial de:

Maria José Gonçalves
Susana Gómez-Martínez

Edição de:

Silves
câmara municipal



**X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO SILVES - MÉRTOLA, AUDITÓRIO DA FISSUL,
22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012**
*10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER
2012*

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
EM COLABORAÇÃO COM: AIECM2 E CEAUCP
APOIOS: FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COMITÉ INTERNACIONAL DO AIECM2
PRESIDENTE: SAURO GELICHI
VICE-PRESIDENTE: SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
SECRETÁRIO: JACQUES THIRIOT
TESOUREIRO: HENRI AMOURIC
SECRETÁRIO ADJUNTO: ALESSANDRA MOLINARI

MEMBROS DOS COMITÉS NACIONAIS
FRANÇA: HENRI AMOURIC, JACQUES THIRIOT, LUCY VALLAURI
ITÁLIA: SAURO GELICHI, ALESSANDRA MOLINARI, CARLO VARALDO
MAGHREB: RAHMA EL HRAIKI
MUNDO BIZANTINO: VÉRONIQUE FRANÇOIS, PLANTON PETRIDIS
PORTUGAL: MARIA ALEXANDRA LINO GASPAR, SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
ESPAÑA: ALBERTO GARCIA PORRAS, MANUEL RETUERCE, JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN
PRÓXIMO ORIENTE: ROLAND-PIERRE GAYRAUD

**ACTAS DO X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO. SILVES - MÉRTOLA, 22 A 27 DE
OUTUBRO DE 2012**
*PROCEEDINGS OF 10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES &
MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012*
SILVES, OUTUBRO DE 2015

EDIÇÃO /// PUBLISHER: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES & CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
COORDENAÇÃO EDITORIAL /// EDITOR: MARIA JOSÉ GONÇALVES E SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN: RUI MACHADO
IMPRESSÃO /// PRINTING: GRÁFICA COMERCIAL DE LOULÉ

ISBN 978-972-9375-48-4
DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT ??????
TIRAGEM /// PRINT RUN: 500

Não é bem como um texto escrito em belos caracteres góticos ou cúficos, contando a história de um milagre, registando um contrato encomendado pelo príncipe, ou denunciando a ameaça do reino vizinho. Não é como qualquer frase gravada na pedra ou pergaminho, que além de denunciar a sua origem de classe, porque necessariamente produzida no seio de uma elite, esconde sempre nas suas entrelinhas uma carga ideológica, quantas vezes indecifrável ou falaciosa. Ao contrário, os fragmentos de cerâmica arqueológica recolhidos numa camada estratigraficamente reconhecível, embora não pareça, são mais fiáveis, autorizando uma mais segura e escorreita informação histórica. Por vezes, quase sempre, são minúsculos ou mesmo insignificantes os fragmentos. Por vezes, quase sempre, nem sequer a forma é reconhecível e muito menos reconstituível. E no entanto a sua informação histórica é sempre preciosa. O simples perfil reclinado do lábio, a forma grácil de arquear a asa, aquela pincelada rápida de traço avermelhado ou a pequena mancha de esmalte melado são os indícios suficientes para reconstituir com verosimilhança a forma e a idade do jarro ou cântaro de água, e, com ele, alguns gestos de trabalho da camponesa que o usou e até, sem errar muito, o seu local de fabrico. Estes simples e informes fragmentos cerâmicos permitem aproximar-nos e mesmo compreender a história daqueles a quem nunca foi dado o direito de ter história, daqueles que nunca comandaram exércitos, que nunca decidiram da paz e da guerra, daqueles que nunca habitaram palácios ou castelos. À primeira vista a gramática ornamental destas bilhas e tigelas sistematiza línguas estranhas e aparentemente indecifráveis. E no entanto, os seus códigos, sem serem isotéricos, referem-se indirectamente a espaços culturais, a zonas de influência que ao longo dos séculos marcaram o Mediterrâneo, na sua fantástica diversidade. As referências mais antigas, ainda relacionadas com os entrançados romboidais da cestaria e da tecelagem, denunciam origens neolíticas e sobretudo permanências das sociedades nómadas dos tuaregues, rifenhos e pastores ibéricos. Na linguagem vegetalista com referências orientalizantes e sobretudo no que se refere à enorme e variada simbologia da Flor de Lotus de época califal, destaca-se, como é natural, a memória dos jardins e vergéis do Nilo, da Mesopotâmia e mesmo da Índia e da China. Nos encadeados de volutas de gavinhas com folhas de videira, sentimos ainda perene a longínqua referência das festas dionisíacas e báquicas da cultura greco-romana a que a Pérsia islamizada esbateu ou anulou o cacho de uva, transformando-o em inofensiva pinha. Esta linguagem cifrada, estas referências decorativas, são sinais de civilização, são marcas indelévels que identificam formas de pensar, zonas de fabrico, caminhos de intercâmbio, que permitem folhear com segurança as páginas da história.

O Presidente do Campo Arqueológico de Mértola
Cláudio Torres

INDICE

TEMA: 1 **AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO** **POTTERY WITHIN ITS CONTEXT**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO | MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO | SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO | ISABEL CRISTINA FERNANDES

1. A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO NO GHARB AL-ANDALUS ATRAVÉS DA CERÂMICA 19
ROLAND-PIERRE GAYRAUD | JEAN-CHRISTOPHE TREGLIA
2. LA CÉRAMIQUE D'UNE MAISON OMEYYADE DE FUSTÂT - ISTABL 'ANTAR (LE CAIRE, ÉGYPTE). VAISSELLES DE TABLE, CÉRAMIQUES COMMUNES ET CULINAIRE, JARRES DE STOCKAGE ET AMPHORES DE LA PIÈCE P5 (PREMIÈRE MOITIÉ DU VIII^e S.) 51
VÍCTOR CAÑAVATE CASTEJÓN | SONIA GUTIÉRREZ LLORET
3. CERÁMICA, ESPACIO DOMÉSTICO Y VIDA SOCIAL: EL TEMPRANO AL-ANDALUS EN EL SUDESTE PENINSULAR A LA LUZ DE EL TOLMO DE MINATEDA (HELLÍN, ALBACETE) 56
JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | JOSÉ LUIS HERNANDO GARRIDO | HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO | FERNANDO MIGUEL HERNÁNDEZ | JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN | CARMEN BENÉITEZ GONZÁLEZ
4. NOTAS SOBRE LA CERÁMICA EN LA ICONOGRAFÍA CRISTIANA DEL NORTE PENINSULAR (SS. X-XII) 68
VANESSA FILIPE
5. ISLAMIC POTTERY FROM THE ÉVORA MUNICIPAL MUSEUM 84
MARCELLA GIORGIO
6. CERAMICS AND SOCIETY IN PISA IN MIDDLE AGES 93
MÁRIO VARELA GOMES | ROSA VARELA GOMES
7. A CERÂMICA E O SAGRADO, NO RIBÂT DA ARRIFANA (ALJEZUR, PORTUGAL) (SÉC. XII) 106
FRANCESCO M. P. CARRERA | BEATRICE FATIGHENTI | CATERINA TOSCANI
8. LE CERAMICHE E LE ATTIVITÀ PRODUTTIVE. RECENTI ACQUISIZIONI DA UN QUARTIERE ARTIGIANALE DI CHINZICA (PI) 114
VESNA BIKIĆ
9. CONTEXT, CHARACTER AND TYPOLOGY OF POTTERY FROM THE ELEVENTH AND TWELFTH CENTURY DANUBE FORTRESSES: CASE STUDIES FROM MORAVA AND BRANIČEVO 125
VALENTINA VEZZOLI
10. THE AREA OF BUSTAN NASSIF (BAALBEK) BETWEEN THE 12TH AND THE EARLY 15TH CENT.: THE CERAMIC EVIDENCE 133
ELENA SALINAS
11. USO Y CONSUMO DE LA CERÁMICA ALMOHADE EN CÓRDOBA (ESPAÑA) 139
MARCELLO ROTILI
12. ASPETTI DELLA PRODUZIONE IN CAMPANIA NEL BASSO MEDIOEVO 148
ALESSANDRA MOLINARI | VALERIA BEOLCHINI | ILARIA DE LUCA | CHIARA DE SANTIS
EMANUELA FRESI | LAURA ORLANDI | GIORGIO RASCAGLIA | MARCO RICCI | JACOPO RUSSO
13. STILI DI VITA, PRODUZIONI E SCAMBI: LA CITTÀ DI ROMA A CONFRONTO CON ALTRI SITI DEL LAZIO. SECOLI IX-XV 158
SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
14. A CERÂMICA MEDIEVAL E TARDO-MEDIEVAL NA BEIRA INTERIOR: MATERIAIS PROVENIENTES DOS CASTELOS DE CASTELO NOVO E PENAMACOR (SÉCS. XII – XVI) 180
ISABEL MARIA FERNANDES
15. A CERÂMICA E SEU USO EM PORTUGAL, A PARTIR DE POSTURAS, TAXAS E REGIMENTOS DE OLEIROS (SÉC. XII A XVIII): A ANÁLISE DE ALGUMAS PEÇAS 188
MARGHERITA FERRI | CECILIA MOINE | LARA SABBIONESI
16. THE SOUND OF SILENCE. SCRATCHED MARKS ON LATE MEDIEVAL AND EARLY MODERN POTTERY FROM NUNNERIES: PRACTICE AND SIGNIFICANCE 203

	HENRI AMOURIC LUCY VALLAURI	
17.	LA VIE DE CHÂTEAU D'UN VAISSELIER : ROQUEVAIRE PRÈS MARSEILLE, 1593	215
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
18.	RECIPIENTES DE MEDIDAS DA CIDADE DE LISBOA	229
	ANDREIA AREZES	
19.	FORMAS CERÂMICAS E SEU SIGNIFICADO SIMBÓLICO NA ALTA IDADE MÉDIA	236
	VICTORIA AMORÓS RUIZ	
20.	LA ESTRATIGRAFÍA COMO HERRAMIENTA	242
	CRISTINA CAMACHO CRUZ	
21.	CANDILES DE PIQUERA. USO Y MORFOLOGÍA EN LA CÓRDOBA DEL SIGLO X	248
	SARA ALMEIDA ALEXANDRE VALINHO JOÃO NUNO MARQUES	
22.	CONJUNTO MEDIEVAL CERÂMICO NO CONTEXTO DA LINHA DE MURALHA DE CACELA VELHA (PORTUGAL)	253
	SILVINA SILVÉRIO ELISABETE BARRADAS	
23.	OCUPAÇÃO ISLÂMICA NA VERTENTE SUDOESTE DA VÁRZEA DE ALJEZUR – O SÍTIO DA BARRADA E A ENVOLVENTE DA IGREJA MATRIZ DE N. SRA. DA ALVA	257
	MARIA JOÃO DE SOUSA	
24.	UMA HABITAÇÃO DO SÉCULO XI/XII SOB A MURALHA DO CASTELO DOS MOUROS DE SINTRA – EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM CONTEXTO DOMÉSTICO	262
	MANUEL JESÚS LINARES LOSA	
25.	UN NUEVO LOTE CERÁMICO DEL POBLADO FORTIFICADO MEDIEVAL DE “EL CASTILLEJO” (LOS GUÁJARES, GRANADA). LA CASA 7	266
	MARIA INÊS RAIMUNDO VANESSA DIAS	
26.	AL-MADAN E O SEU CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA	271
	VANESSA FILIPE CLEMENTINO AMARO	
27.	CASTLE OF TORRES VEDRAS. ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVES ON A MEDIEVAL CONTEXT	275
	ALBERTO GARCÍA PORRAS MANUEL JESÚS LINARES LOSA MOISÉS ALONSO VALLADARES LAURA MARTÍN RAMOS	
28.	DE CASTILLO FRONTERIZO NAZARÍ A FORTALEZA CASTELLANA. LOS MATERIALES CERÁMICOS DEL ENTORNO DE LA TORRE DEL HOMENAJE DEL CASTILLO DE MOCLÍN (GRANADA)	279
	PILAR LAFUENTE IBÁÑEZ	
29.	CERÁMICA MUDÉJAR SEVILLANA HALLADA EN LA EXCAVACIÓN DEL SOLAR Nº 16 DE LA CALLE CERVANTES DE CORIA DEL RÍO (SEVILLA, ESPAÑA). LOS MATERIALES DEL POZO B	285
	SARA ALMEIDA SUSANA TEMUDO	
30.	CERÂMICA DO SÉCULO XIII, NO CONTEXTO DO BAIRRO JUDAICO DE COIMBRA (PORTUGAL)	291
	TÂNIA MANUEL CASIMIRO TELMO SILVA DÁRIO NEVES CAROLINA SANTOS*	
31.	CERÂMICAS MEDIEVAIS DA RUA DA CORREDOURA (ÉVORA)	298
	ALBERTO LÓPEZ MULLOR	
32.	LA CERÁMICA DEL MAS MONTGRÒS, EL BRULL (BARCELONA), SIGLOS XI-XV	303
	ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA MANUELA C. S. RIBEIRO	
33.	CERÂMICAS MEDIEVAIS (SÉCS. IX-XII) DO CASTELO DE AROUCA (N. PORTUGAL)	310
	M. CARMEN RIU DE MARTÍN	
34.	LADRILLEROS BARCELONESES DE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XV	318
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
35.	CERÂMICAS PINTADAS A BRANCO DO SÉCULO XV/XVI ENCONTRADAS NO CASTELO DE S. JORGE, LISBOA, PORTUGAL	326
	LUÍS SERRÃO GIL	
36.	ENTRE TACHOS E PANELAS: CERÂMICA MEDIEVAL DO SILO DO CASTELO DE PORTO DE MÓS	333

- MARIA RAFFAELLA CATALDO
37. CERAMICA RIVESTITA DAL CASTELLO DI CIRCELLO (BENEVENTO) 340
- GONÇALO LOPES | JOSÉ RUI SANTOS
38. CERÂMICAS ISLÂMICAS DA NATATIO DAS TERMAS ROMANAS DE ÉVORA 346
- MARIA JOSÉ GONÇALVES
39. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS UTENSÍLIOS DO QUOTIDIANO DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: A CERÂMICA DECORADA A VERDE E MANGANÊS 353

TEMA: 2

CERÂMICA E ALIMENTAÇÃO

POTTERY AND FOOD

- JOANITA VROOM
40. THE ARCHAEOLOGY OF CONSUMPTION IN THE EASTERN MEDITERRANEAN: A CERAMIC PERSPECTIVE 359
- F. CANTINI | S. G. BUONINCONTRI | B. FATIGHENTI
41. CERAMICA E ALIMENTAZIONE NEL MEDIO VALDARNO INFERIORE MEDIEVALE: IL CASO DI SAN GENESIO (SAN MINIATO-PI) 368
- JAQUELINA COVANEIRO | SANDRA CAVACO
42. ENTRE TACHOS E PANELAS: A EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE COZINHA (TAVIRA) 377
- JUAN ZOZAYA
43. CACHARROS, FUEGOS, COMIDAS, SERVICIOS, ESCRITURAS... 387
- TÂNIA MANUEL CASIMIRO | LUÍS DE BARROS
44. DE QUEM SÃO ESTAS OLLAS? COMER, BEBER, ARMAZENAR EM ALMADA NO SÉCULO XIII 392

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO

THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

- ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | PEDRO PEREIRA | TERESA P. CARVALHO
45. CONJUNTOS CERÂMICOS DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA, N. PORTUGAL). PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UMA SEQUÊNCIA LONGA (SÉCS. IV-XI) 401
- JORGE DE JUAN ARES | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | MARÍA DEL CRISTO GONZÁLEZ MARRERO | MIGUEL ÁNGEL HERVÁS HERRERA | JORGE ONRUBIA PINTADO
46. OBJETOS PARA UN ESPACIO Y UN TIEMPO DE FRONTERA: EL MATERIAL CERÁMICO DE FUM ASACA EN SBUYA, PROVINCIA DE SIDI IFNI, MARRUECOS (SS. XV-XVI) 420
- HUGO BLAKE | MICHAEL J. HUGHES
47. THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC ARCHAOMETRICAL RESEARCH ON THE PROVENANCE OF 'MEDITERRANEAN MAIOLICA' AND ITALIAN POTTERY FOUND IN GREAT BRITAIN 432
- HENRI AMOURIC | GUERGANA GUIONOVA | LUCY VALLAURI
48. CÉRAMIQUES AUX ÎLLES D'AMÉRIQUE. LA PART DE LA MÉDITERRANÉE (XVIIIE-XIXE S.) 440
- RODRIGO BANHA DA SILVA | ADRIAAN DE MAN
49. PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL: A SIGNIFICANT LATE ANTIQUE CONTEXT FROM LISBON 455
- MARCO LIBERATO | HELENA SANTOS
50. CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS SETENTRIONAIS NA SANTARÉM MEDIEVAL 461
- MIGUEL BUSTO ZAPICO | JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | ROGELIO ESTRADA GARCÍA
51. LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS, PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÂNEO Y EL NORTE DE EUROPA 466
- ARMANDO SABROSA† | INÊS PINTO COELHO | JACINTA BUGALHÃO
52. AS PORCELANAS DA SÉ DA CIDADE VELHA, ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE 473

TEMA: 4
EVOLUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DAS TÉCNICAS
EVOLUTION AND TRANSFER OF TECHNIQUES

- JOAN NEGRE PÉREZ
53. PRODUCCIONES CERÁMICAS EN EL DISTRITO DE ȚURȚUȘA ENTRE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA Y EL MUNDO ISLÁMICO (SIGLOS VI-XII) 483
- KONSTANTINOS T. RAPTIS
54. BRICK AND TILE PRODUCING WORKSHOPS IN THE OUTSKIRTS OF THESSALONIKI FROM FIFTH TO FIFTEENTH CENTURY: A STUDY OF THE FIRING TECHNOLOGY THAT HAS BEEN DIACHRONICALLY APPLIED IN THE CERAMIC WORKSHOPS OF A LARGE BYZANTINE URBAN CENTER 493
- LÍDIA FERNANDES | JOÃO COROADO | MARCO CALADO | CHIARA COSTANTINO
55. OCUPAÇÃO MEDIEVAL ISLÂMICA NO MUSEU DE LISBOA -TEATRO ROMANO DE LISBOA: O CASO DO APROVEITAMENTO DO *POST SCAENIUM* NO DECURSO DO SÉCULO XII 509
- ROSALIND A WADE HADDON
56. WHAT WAS COOKING IN ALEPPO IN THE TWELFTH AND THIRTEENTH CENTURIES? 519
- IBRAHIM SHADDOUD
57. PRODUCTION DE POTERIE CHEZ LES NIZARITES DE SYRIE : L'ATELIER DE MASSYAF (MILIEU XII^e-PREMIER TIERS DU XIV^e SIÈCLE) 525
- SERGIO ESCRIBANO-RUIZ | JOSE LUIS SOLAUN BUSTINZA
58. LA INTRODUCCIÓN Y NORMALIZACIÓN DE LA CERÁMICA VIDRIADA EN EL CANTÁBRICO ORIENTAL A LA LUZ DEL REGISTRO CERÁMICO DE VITORIA-GASTEIZ (SIGLOS XII-XV) 534
- JAUME COLL CONESA | JOSEP PÉREZ CAMPS | MARTA CAROSCIO | JUDIT MOLERA
TRINITAT PRADELL | GLÓRIA MOLINA
59. ARQUEOLOGÍA, ARQUEOMETRÍA Y CADENAS OPERATIVAS DE LA CERÁMICA DE MANISES LOCALIZADA EN EL SOLAR FÁBRICAS Nº 1 (BARRI D'OBRADORS, MANISES, CAMPAÑA 2011) 549
- JACQUES THIRIOT | DAVID OLLIVIER | VÉRONIQUE RINALDUCCI
60. FOUILLER LES ENCYCLOPÉDISTES : TRANSFERT DE MODÈLES AUX ANTILLES FRANÇAISES 560
- ELENA SALINAS | JUAN ZOZAYA
61. PECHINA: EL ANTECEDENTE DE LAS CERÁMICAS VIDRIADAS ISLÁMICAS EN AL-ANDALUS 573
- GUERGANA GUIONOVA | ROCCO RANTE
62. APERÇU SUR LA PRODUCTION DES ATELIERS DE PAYKEND, OASIS DE BUKHARA, OUZBÉKISTAN 577
- KRINO P. KONSTANTINIDOU | KONSTANTINOS T. RAPTIS
63. ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF AN ELEVENTH-CENTURY KILN WITH RODS IN THESSALONIKI 589
- LAURA APARICIO SÁNCHEZ
64. EL ALFAR CORDOBÉS DE OLLERÍAS Y SUS PRODUCCIONES (SIGLOS XII-XIII) 596
- SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY
65. THE EASTERN CRIMEAN CENTERS OF GLAZE POTTERY PRODUCTION IN 13TH AND 14TH CENTURIES 604
- JAUME COLL CONESA | CLODOALDO ROLDÁN GARCÍA
66. COMPOSICIÓN DEL PIGMENTO DE COBALTO Y CRONOLOGÍA DE LA AZULEJERÍA MEDIEVAL DE MANISES (VALENCIA) CONSERVADA EN EL MUSEO NACIONAL DE CERÁMICA 608
- JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | CLAUDIO CAPELLI | ROBERTA DI FEBO
MARISOL MADRID I FERNÁNDEZ | ROBERTA DI FEBO | JAUME BUXEDA I GARRIGÓS
67. IMITACIONES DE CERÁMICAS À TACHES NOIRES EN BARCELONA EN EL S. XVIII. DATOS ARQUEOLÓGICOS Y ARQUEOMÉTRICOS 613
- ANNA RIDOVICS | BERNADETT BAJNÓCZI | GÉZA NAGY | MÁRIA TÓTH
68. THE TRANSFER OF THE TIN-GLAZED FAIENCE TECHNOLOGY BY HUTTERITE ANABAPTISTS TO EAST-CENTRAL EUROPE DURING 16TH AND 17TH CENTURIES 619

TEMA: 5

CERÂMICA E COMÉRCIO

CERAMICS AND TRADING

YASEMIN BAGCI VROOM

69. A NEW LOOK ON MEDIEVAL CERAMICS FROM THE OLD GÖZLÜKULE EXCAVATIONS: A PRELIMINARY PRESENTATION 627

EVELINA TODOROVA

70. POLICY AND TRADE IN THE NORTHERN PERIPHERY OF THE EASTERN MEDITERRANEAN: AMPHORA EVIDENCE FROM PRESENT-DAY BULGARIA (7TH-14TH CENTURIES) 637

ISABEL CRISTINA FERNANDES | CLAIRE DÉLÉRY | SUSANA GÓMEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO
MARCÓ LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JÁCINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO
SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO

71. O COMÉRCIO DA CORDA SECA NO GHARB AL-ANDALUS 649

CLAUDIO FILIPPO MANGIARACINA

72. LA SICILIA ISLAMICA: PRODUZIONE, CIRCOLAZIONE E CONSUMO DI CERAMICA (IX-PIENO XI SECOLO) 667

GUERGANA GUIONOVA

73. CÉRAMIQUE D'IMPORTATION DU XIVE AU XVIIIE S. EN BULGARIE 681

INÉS M^ª CENTENO CEA | ÁNGEL L. PALOMINO LÁZARO | MANUEL MORATINOS GARCÍA
M^ª J. NEGREDO GARCÍA | J.E. SANTAMARÍA GONZÁLEZ

74. CERÂMICA DE COCINA RUGOSA DE PASTAS CLARAS/CAMPURRIANA VERSUS CERÂMICA GRANÍTICA/ZAMORANA. PATRONES DE DISTRIBUCIÓN Y EXPANSIÓN EN ÉPOCA BAJOMEDIEVAL Y EN LA TRANSICIÓN A LA EDAD MODERNA EN EL NORTE DE CASTILLA Y LEÓN 692

VASSILEIOS D. KOROSIS

75. CONSUMPTION AND IMPORTATION OF CERAMICS IN A FAIRLY UNKNOWN SITE OF LATE ROMAN GREECE. A CASE STUDY FROM MEGARA, ATTICA, GREECE 701

NATALIA GUINKUT | VICTOR LEBEDINSKI | JULIA PRONINA

76. MEDIEVAL AMPHORAE FROM SHIPWRECKS NEAR CHERSONES TAURICA 707

VICTOR FILIPE | MARCO CALADO | SANDRA GUERRA | ANTÓNIO VALONGO
JOÃO LEÓNIDAS | ROMÃO RAMOS | MARGARIDA ROCHA | JACINTA COSTA | NATALIA GINKUT

77. A CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO NO ARRABALDE OCIDENTAL DE LUXBUNA (LISBOA). DADOS PRELIMINARES DA INTERVENÇÃO REALIZADA NO HOTEL DE SANTA JUSTA 711

SYLVIE YONA WAKSMAN

78. LATE MEDIEVAL POTTERY PRODUCTION IN SOUTH WESTERN CRIMEA: LABORATORY INVESTIGATIONS OF CERAMICS FROM CEMBALO (REGION OF SEBASTOPOL / CHERSONESOS)* 719

RAFFAELLA CARTA

79. LA CERAMICA ITALIANA INDICATORE DEL COMMERCIO TRA IL MEDITERRANEO OCCIDENTALE E L'ATLANTICO (SECOLI XV-XVII) 724

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | NÚRIA MIRÓ I ALAIX

80. BARCELONA Y EL COMERCIO INTERIOR DE CERÂMICA EN EL SIGLO XVII Y PRINCIPIOS DEL XVIII: VILAFRANCA DEL PENEDÉS (BARCELONA), TERUEL, VILLAFELICHE Y MUEL (ZARAGOZA), VALENCIA, TALAVERA DE LA REINA (TOLEDO), SEVILLA Y PORTUGAL 729

TEMA: 6

NOVAS DESCOBERTAS

NEW DISCOVERIES

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

81. MEDIEVAL POTTERY FROM THE FORUM OF AEMINIUM (COIMBRA, PORTUGAL) : A PROPOSAL OF CHRONO-TYOLOGICAL EVOLUTION 739

	ABDALLAH FILI	
82.	LE DÉCOR DE LA CÉRAMIQUE DE FÈS À L'ÉPOQUE MÉRINIDE, TYPOLOGIE ET STATISTIQUES	750
	SOPHIE GILOTTE YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ JORGE DE JUAN ARES	
83.	UN AJUAR DE ÉPOCA ALMORÁVIDE PROCEDENTE DE ALBALAT (CÁCERES, EXTREMADURA)	763
	MARCO LIBERATO	
84.	A PINTURA A BRANCO NA SANTARÉM MEDIEVAL. SÉCULOS XI A XVI	777
	THIERRY JULLIEN MOHAMED KBIRI ALAOU VIRGINIE BRIDOUX ABDELFATTAH ICHKHAKH EMELINE GRISONI CÉLINE BRUN SÉVERINE LECLERCQ HICHAM HASSINI HALIMA NAJI	
85.	LES CÉRAMIQUES MÉRINIDES DE KOUASS (ASILAH-BRIECH, MAROC)	792
	ELVANA METALLA	
86.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE EN ALBANIE : RELATIONS ENTRE LES PRODUCTIONS BYZANTINES ET ITALIENNES	807
	ANDRÉ TEIXEIRA AZZEDDINE KARRA PATRÍCIA CARVALHO	
87.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE D'AZEMMOUR (MAROC) : DONNÉES PRÉLIMINAIRES SUR DES VESTIGES DE PRODUCTION POTIÈRE	819
	EBRU FATMA FINDIK	
88.	MEDIEVAL GLAZED CERAMICS FROM MYRA AND NEW RESULTS	831
	SERGEY BOCHAROV ANDREY MASLOWSKIY AIRAT SITDIKOV	
89.	THE KASHI POTTERY IN THE WESTERN REGIONS OF GOLDEN HORDE	840
	ÉLVIO DUARTE MARTINS SOUSA FERNANDO CASTRO	
90.	NOVOS DADOS QUÍMICOS DE FORMAS DE PÃO-DE AÇÚCAR PRODUZIDAS EM PORTUGAL: SÉCULOS XV A XVI	846
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
91.	CERÂMICAS COMUNS DA ANTIGUIDADE TARDIA PROVENIENTES DO CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA – PORTUGAL	851
	M ^{re} TERESA XIMÉNEZ DE EMBÚN SÁNCHEZ	
92.	TIPOS Y CONTEXTOS CERÁMICOS EN EL YACIMIENTO EMIRAL DEL CABEZO PARDO (SAN ISIDRO, ALICANTE). UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA MATERIAL EN EL SE PENINSULAR	861
	CRISTINA GONZALEZ	
93.	QUINTA DA GRANJA 1: CERÂMICA EMIRAL DE UM POVOADO DA ÉSTREMADURA	866
	DÉBORA MARCELA KISS	
94.	LA CERÁMICA DEL TOSSAL DEL MORO (BENILLOBA, ALACANT). PRIMEROS RESULTADOS DEL ESTUDIO DE LOS FONDOS DEPOSITADOS EN EL CENTRE D'ESTUDIS CONTESTANS	875
	CRISTINA GARCIA PATRÍCIA DORES CATARINA OLIVEIRA MIGUEL GODINHO	
95.	TIPOLOGIA E FUNCIONALIDADE NAS CERÂMICAS DA CASA I DO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO EM CACELA-A-VELHA	882
	MANUEL RETUERCE VELASCO MANUEL MELERO SERRANO	
96.	AZULEJOS ALMOHADES VIDRIADOS A MOLDE DE CALATRAVA LA VIEJA (1195-1212)	887
	ANA CRISTINA RAMOS MIGUEL SERRA	
97.	NOVOS DADOS SOBRE HALQAL-ZAWIYA (LAGOS, PORTUGAL)	893
	KAREN ÁLVARO M. DOLORES LÓPEZ ESTHER TRAVÉ	
98.	UNA NUEVA CONTRIBUCIÓN AL ESTUDIO DE LA LOZA BARCELONESA DECORADA EN VERDE Y MANGANESO	900
	CARLOS BOAVIDA	
99.	MEDIEVAL POTTERY FROM THE CASTLE OF CASTELO BRANCO (PORTUGAL)	906
	FRANCISCO MELERO GARCÍA	
100.	POTTERY OF THE NASRID PERIOD OF CÁRTAMA (MÁLAGA)	912

CONSTANÇA GUIMARÃES DOS SANTOS | ELISA ALBUQUERQUE

101. A CAPELA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA ATRAVÉS DOS MATERIAIS: A CERÂMICA MEDIEVAL 917

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

102. "TRAÇOS MOURISCOS" NA CERÂMICA DO SÉCULO XV DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE COIMBRA
(MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO) 924

IRYNA TESLENKO

103. CRIMEAN LOCAL GLAZED POTTERY OF THE 15TH CENTURY 928

MARIA JOSÉ GONÇALVES

104. CERÂMICA EM CORDA SECA DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO 934

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO
THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

CÉRAMIQUES AUX ÎLES D'AMÉRIQUE: LA PART DE LA MÉDITERRANÉE (XVII^E-XIX^E S.)

Résumé: Cette synthèse résulte du Projet "Poteries des îles françaises de l'Amérique, Productions locales et importées, XVII^e-XIX^e siècles, conduit depuis 2007 dans les Antilles françaises. Elle croise les apports des archives, de l'archéologie, des enquêtes patrimoniales et de l'iconographie.

Les plus anciennes découvertes, subaquatiques, proviennent d'Espagne, d'Italie et du Languedoc au XVII^e siècle.

Au XVIII^e s, la part de Marseille et de la Provence est de tout premier plan dans le secteur des terres cuites vernissées de l'Huveaune, des jarres, des faïences de Moustiers, des carreaux, tuiles et briques et des poteries de Ligurie, en réexportation.

Au XIX^e et XX^e s. les séries de céramiques en particulier celles de Saint-Pierre détruite par la catastrophe de 1902, tout comme celles étudiées en Guadeloupe, confirment la prééminence des produits de la vallée de l'Huveaune, des culinaires de Vallauris, des jarres de Biot, des terres cuites d'architecture de Marseille et un approvisionnement élargi à d'autres centres de la Vallée du Rhône.

Abstract: Our article summarizes the results of the interdisciplinary research project "Potteries on the Islands of the French West Indies. Local Production and Import from the seventeenth to the nineteenth century", conducted since 2007 in the French Antilles. Our approach is focused on archives, archaeology, heritage and iconography.

The earliest archaeological material, from underwater sites, was imported in the seventeenth century from Spain, Italy and the Languedoc. In the eighteenth century Marseille and Provence provided a vast majority of glazed ceramics produced in the Huveaune valley, jars, faïence from Moustiers, tiles, bricks, and re-exported potteries from Liguria. In the nineteenth century the material from archaeological sites, Saint-Pierre in particular prior to its complete destruction by the eruption of 1902, and similar material studied in Guadeloupe, confirm the predominance of products from the Huveaune valley, kitchenware from Vallauris, jars from Biot and architectural ceramics from Marseille, and a large range of imports from various production centers of the Rhone valley.

INTRODUCTION

Cette synthèse a été réalisée dans le cadre du Projet Collectif de Recherche Interrégional intitulé "Poteries des îles françaises de l'Amérique, Productions locales et importées, XVII^e-XIX^e siècles, conduit depuis 2007 en partenariat avec les Services Régionaux de l'Archéologie et du Patrimoine de la Martinique et la Guadeloupe. Elle porte sur les deux îles principales du groupe de l'arc antillais appartenant à la France. Elle est le résultat d'une approche multiple qui croise les apports des archives, de l'archéologie, -études de matériel, fouilles terrestres et subaquatiques- des enquêtes patrimoniales -collections publiques, muséales et privées- et de l'iconographie (Amouric, Vallauri, 2007 ; Casagrande, 2007 ; Gabriel, 2008; Vicens, 2011; Flohic, 2012; Amouric, Serra, 2013).

Nous en présentons ici les principales lignes de force concernant les seules importations venues de Méditerranée.

L'INSTANT D'AVANT

Si l'on se réfère aux faciès des îles placées sous domination hollandaise ou espagnole, que les découvertes terrestres ou sous-marines illustrent bien, la quantité et la diversité des importations européennes paraissent très significatives dès la fin du XVI^e siècle dans les Caraïbes (Deagen, 1987 ; Marken, 1994). La part de l'Espagne, des « olives jars » en particulier, quelques faïences ibériques, et de l'Italie représentée par de nombreuses majoliques ligures ou florentines, au sein de ces approvisionnements est logiquement déjà importante.

Il en va pour l'instant différemment des « Isles françaises d'Amérique » dont les attestations les plus anciennes à ce jour ne remontent pas au-delà du début du XVII^e siècle et sans doute même avant la prise de possession officielle de la Martinique par la France en 1635. De cette période confuse aux contours politiques imprécis, témoigne l'ensemble de la baie du Carbet qui est issu du pillage d'une épave. Cette dernière, venait peut-être faire « *aiguade* » à une source voisine de la falaise de Morne-aux-bœufs, lorsqu'elle a coulé. Son chargement comprenait au moins une cinquantaine de jarres à huile espagnoles toutes semblables (Fig. 1 n°1), et très probablement, en dépit d'une petite incertitude découlant du mode de dépôt au service des antiquités en 1972- une lèche-frite, un pot et une assiette vernissés de Catalogne (Fig. 1 n°3), deux jattes languedociennes (Fig. 1 n°4) et une exceptionnelle écuelle « *a stecca* » de l'aire pisane qui est à ce jour le plus ancien exemple reconnu outre-Atlantique (Fig. 1 n°2).

Cet ensemble composite constitue un raccourci saisissant des productions de l'arc nord-méditerranéen et de leur destin outre-Atlantique et illustre bien le statut incertain de ces îles encore libres, mais déjà au carrefour de toutes les fréquentations et de toutes les convoitises coloniales.

LE LONG TEMPS D'APRÈS

Lorsque le destin de ces îles bascule, ici en entrant dans le domaine français au sein duquel elles sont restées pour l'essentiel, se crée un régime de dépendance stricte, qui n'interdit pas une certaine ouverture au monde, entretenue

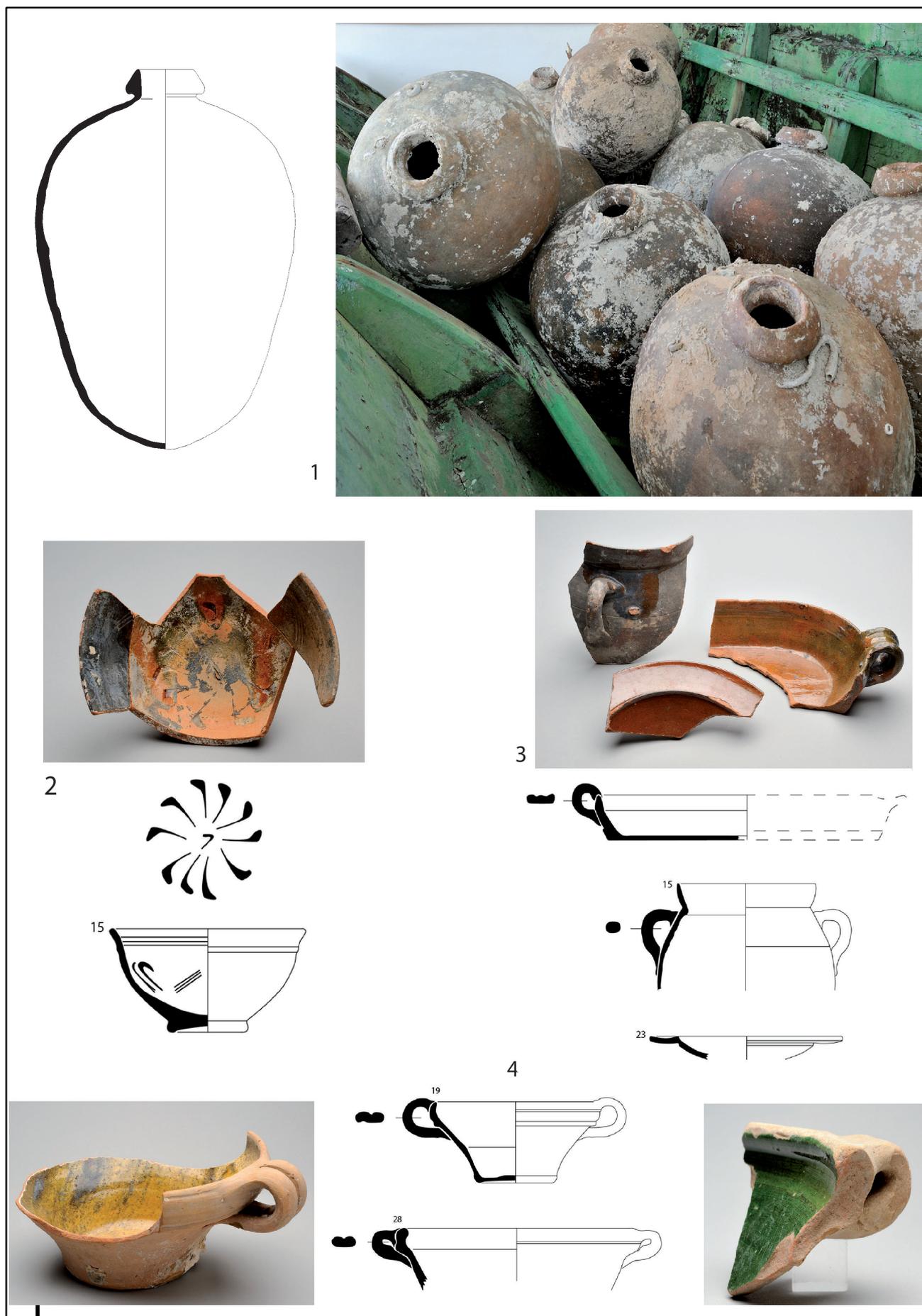


Fig.1 1, Jarres espagnoles de la falaise du Morne aux bœufs, le Carbet, Martinique ; 2-4, vaiselles découvertes en 1972 (Dessins et G. Dieulefet Cl. LA3M).

Planches en couleurs rajoutées pour ce documents

par ailleurs par un fort commerce interlope, plus ou moins toléré. Il ne faut pas cependant sous-estimer l'impact des périodes de domination anglaise lors des multiples guerres que se livrèrent les puissances européennes ainsi que des progrès du libre-échange, conditions qui favorisèrent l'adoption de nouvelles modes.

Après 1635, l'approvisionnement des îles françaises apparaît au total riche et diversifié. Tous les grands ateliers du Royaume, de Saintonge, du Sud-ouest, de Normandie, du Nord, ainsi que des centres hollandais, anglais et allemands sont reliés aux ports de l'Atlantique métropolitain, Bordeaux, La Rochelle, Nantes, de la région parisienne et du Nord. Sur la façade méditerranéenne, c'est Marseille qui diffuse à la fois les fabrications de son arrière-pays, de la Provence alpine et orientale, et de la Ligurie dont la cité phocéenne est un important centre re-distributeur (Fig. 2 n° 1).

L'exemple des statistiques d'entrées en Martinique pour l'année 1733, indique les parts respectives des différents produits pour chacun des principaux ports français. Dans ce cas, par exemple, la part de Marseille est importante voire dominante pour les céramiques d'architecture, ce que confirment de nombreuses mentions dans les textes de « carreaux de Provence », notable pour les faïences et presque négligeable pour les pipes (Fig. 2 n° 2).

Ce genre de statistique montre cependant de très importantes évolutions d'une année sur l'autre caractéristique du commerce colonial dont les volumes peuvent varier de façon extraordinaire. Ainsi la fourniture des briques et tuiles est-elle généralement plus équilibrée dans les décennies suivantes avec les ports de l'Atlantique, Nantes, et de la Manche, Le Havre et Dunkerque. En revanche, la part de Marseille dans la fourniture des « faïenceries » est généralement plus proche de 40%. En outre la définition des catégories n'est pas très sûre. Il semble que sous la dénomination « faïenceries » il faille aussi classer les terres vernissées communes, ce que l'archéologie semble confirmer (Fig. 2 n°3).

Les états descriptifs des cargaisons embarquées à Marseille au milieu du XVIIIe siècle, montrent d'autre part l'importance à cette époque là, des expéditions de faïence commune à galon bleu, des jarres vides ou contenant toutes sortes de victuailles, de « nombres de terrailles » vernissée, de briques et de carreaux.

Ainsi trouve-t-on sur le Jésus-Marie-Joseph, partant pour la Martinique le 14 décembre 1748, entre autres, « Douze mille briques, Quatre caisses fayance contenant ensemble quarante huit douzaines assiettes, Quarante jarres vides... »

Sur l'Aimable Cécile, à destination de Saint-Pierre de la Martinique, le 9 mai 1767, « Quatre jarres grandes pleines d'amandes mi fines contenant ensemble 5 charges, Deux grandes jarres vides... » ; Sur l'aimable Cécile, pour Saint-Pierre de la Martinique, le 22 février 1771, « Quatre mille carreaux de briques. Huit caisses contenant quatre vingt douzaines assiettes rondes, 12 jarres contenant ensemble 34 quintaux soixante dix sept livres aricots blancs, 1 jarre

contenant 4 quintaux 7 livres graine longue, 9 jarres amandes fines molieres et amères, 2 jarres lentilles d'Auvergne ; Sur la corvette la Colombe, pour la Martinique, 28 septembre 1748, « 10 caisses de douze douzaines d'assiettes faïence » (A.C.C.M Fonds Roux LIX 1102).

Sur l'Espérance, toujours pour la Martinique, le 20 janvier 1751, « 15 caisses contenant 180 douzaines d'assiettes à 40 sols la douzaine...360 livres et 15 caisses à 50 sols...37 livres 10 sols..le tout 397 livres 10 sols » (A.C.C.M Fonds Roux LIX 1266).

Sur l'Espérance, à nouveau, et sans autre précision de destination, le 18 août 1754 « 12 caisses d'assiettes pour les Antilles » et, en mai 1770, chargées à bord du brigantin l'Aimable Cécile « 50 douzaines assiettes de fayence bleu et blanc commun ... » (A.C.C.M Fonds Roux LIX 1110).

La « Pacotille chargée sur le vaisseau Anne catherine pour le compte de Jean-André Guieu de Port aux Prince, le 6 avril 1754 » dénombre aussi un de ces emballages à tout faire : « 1 jarre contenant 90 socissons pesant ensemble 65 livres à 22 sous la livre...71 Livres...la jarre 2 livres.. » (A.C.C.M Fonds Roux LIX 1272). A la fin du XVIIIe siècle, s'ajoutent désormais aux faïences quelques mentions de terres cuites communes, non différenciées auparavant. Ainsi sur « Lecomercant » qui prend le chemin de la Martinique, le 22 mars 1780 cohabitent « Fayance 24 caisses, Terraille 153 nombres et sur la Mariette, à même destination, le 11 mars 1789« Briques 9000, jarres et damejeannes 24, terraille 500 nombres » (A.C.C.M Fonds Roux LIII 840).

LA NÉCESSAIRE CONFRONTATION DES SOURCES

Nous abordons donc la problématique des îles françaises au travers de tous les types de sources possibles, archivistiques, iconographiques, et archéologiques, qu'il s'agisse des séries sous-marines ou terrestres. Ainsi pendant 3 ans avons-nous mené une série d'investigations en baie de Saint-Pierre de la Martinique, principal port et porte du commerce des petites Antilles jusqu'à la catastrophe de 1902. Cet événement tragique a cependant scellé des niveaux archéologiques qui sont explorés peu à peu depuis les années 1990 et nous donnent, un instantané d'un cadre de vie et d'un *instrumentum* domestique à l'aube du XXe siècle qui permet d'apprécier aussi la part de l'héritage. Parmi les secteurs fouillés, celui du château Perrinelle, qui se dresse en partie à l'emplacement d'un établissement religieux jésuite fondé au XVIIe siècle constitue un observatoire privilégié. L'ensemble des sources archéologiques et patrimoniales permettent de décrire plus précisément les produits méditerranéens importés dans les îles et corroborent peu ou prou les sources historiques, généralement plus laconiques, parfois concordantes et, plus rarement, parfois discordantes. Si l'on prend l'exemple des céramiques d'architecture, nombreux sont les sols du XVIIIe siècle dont les archives nous disent qu'ils sont carrelés de « malons » carrés et hexagones de Provence qui ont pavé, entre autres, bien des galeries d'habitation. Le cas de l'habitation Anse à l'âne, commune des Trois îlets, en est une bonne illustration. J-C Sommera, qui l'a étudiée en

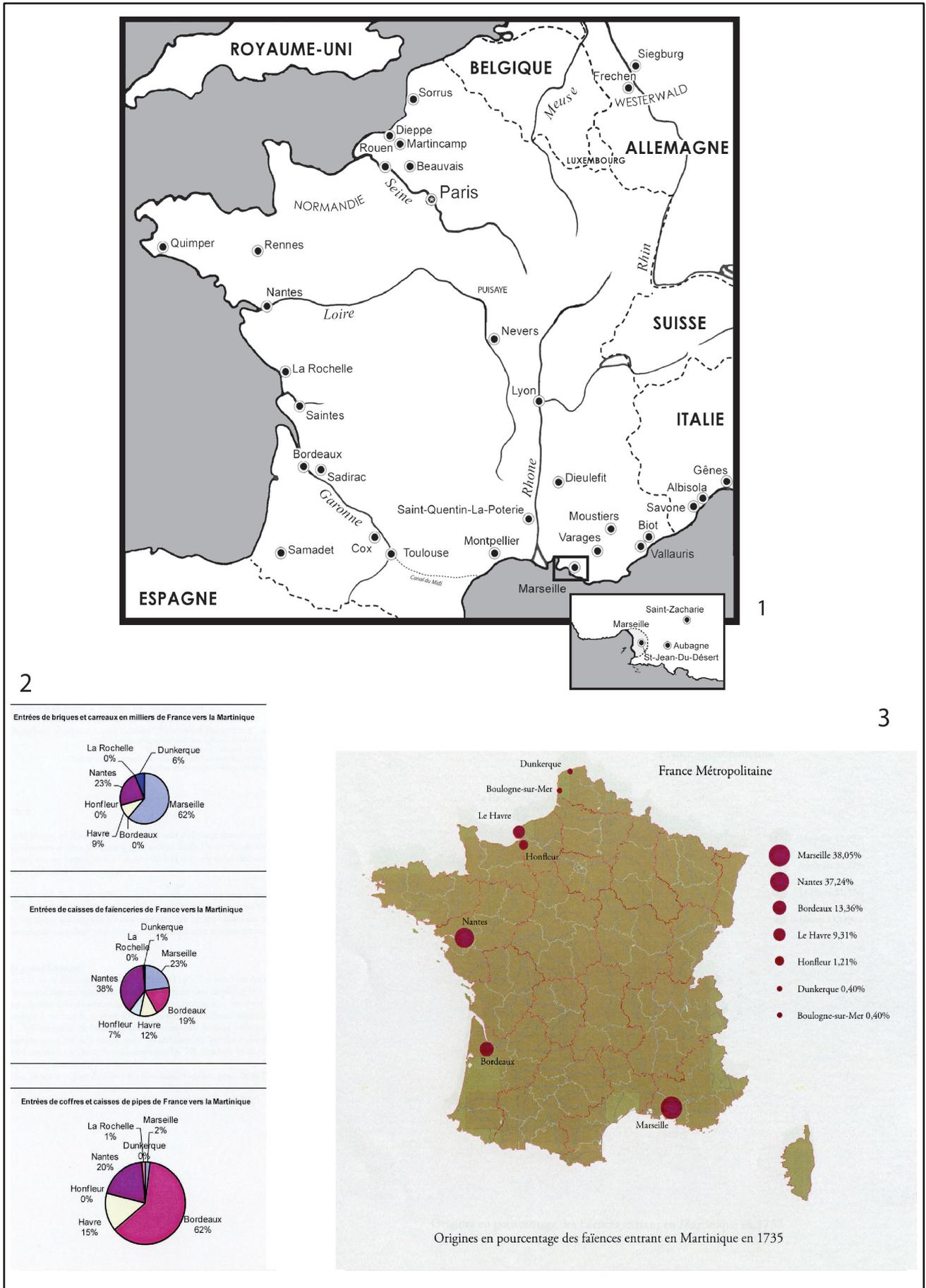


Fig.2 1- Principaux ateliers européens représentés dans les découvertes aux Antilles françaises ; 2- diagrammes de répartition par origine des entrées de céramiques en Martinique en 1733 ; 3- origines en pourcentages des faïences entrant en Martinique en 1735.

Planches en couleurs rajoutées pour ce documents

1998 au travers des papiers Rochechouart, relève qu'il y a des carreaux de Provence apparemment tout autour de la maison à partir des expertises réalisées entre 1746 et 1778. En 1753, « il est fait mention de carreaux de Marseille » et, en 1767, de « carreaux de Provence » : Item devant la dite maison de maçonnerie, le pavillon et la cuisine, un carrelage de carreaux de Provence sur la longueur de la dite maison de maçonnerie et cinquante pieds de profondeur, ayant un petit mur en forme de parapet pour soutenir le carrelage. Ledit carrelage en fort mauvais état, les carreaux étant fendus ». En 1772, un état des réparations effectuées par le Sr Petit depuis 1767, note à l'alinéa 7, qu'il a « fourni des carreaux de Provence pour toutes les batteries.. ». Par ailleurs, certaines maisons urbaines sont pavées de tomettes hexagonales, si communes dans le Midi de la France. En 1797, par exemple, la Dame Anne Moreau de Saint-Pierre y fait construire une maison et le contrat nous dit : « et le carrelage de ladite maison sera fait en petits carreaux rouges à six coins de provenance... »...ce que confirme la liste des fournitures : « & les petitz carreaux rouge à six coins de provenance pour faire ledit carrelage.. » (ANOM MAR583, 10/02/1797, n°14).

LA TRIADE PROVENÇALE : LA VALLÉE DE L'HUVEAUNE, VALLAURIS ET BIOT

L'économie générale de l'approvisionnement par catégorie de produits que nous donnent les fouilles des Antilles françaises, pour les XVIIIe et XIXe siècle est dominée, dans le secteur des terres vernissées communes par les productions dites de la Vallée de l'Huveaune, provenant de deux localités principales, Saint-Zacharie et Aubagne (Abel, Amouric, 1995 ; Amouric, Abel, 1995 ; Amouric *et alii*, 1999). Une discordance apparaît cependant avec les comptabilités portuaires de Marseille qui indiquent un très faible pourcentage d'expédition de terre cuites communes. Cette contradiction n'est qu'apparente comme nous l'avons dit ci-dessus et sans doute une partie des « faïenceries » ne sont-elles pas des terres vernissées?

Les archives mentionnent fréquemment ces objets dont la provenance ne fait guère de doute au regard des artefacts retrouvés, mais elles énoncent rarement leur origine, comme le 11 novembre 1778, l'inventaire des biens d'Henri Turc, de Saint-Pierre qui signale « 1 parti de tériau de provenance », quantité imprécise, mais importante, d'une valeur assez notable puisqu'elle atteint 100 livres (ANOM MAR 1173).

Le répertoire des formes importées depuis la Provence est assez limité, principalement des plats creux dits « plats d'équipage » (Fig. 3 n°1-3), des « terrines » -dénomination locale du « tian » provençal- qui sont des bassins à tout faire (Fig. 3 n° 4 et 5) et des pots de chambre (Amouric *et alii*, 2008: 118-123 ; 240-244) (Fig. 3 n° 6 et 7). C'est donc une gamme très réduite de produits strictement utilitaires qui est tirée de la Provence. Point d'écuelles individuelles par exemple, peut-être remplacées par des calebasses héritées des indiens caraïbes au sein des populations soumises à la servitude et par des services de table de faïence, voire de porcelaine, sans oublier l'étain ou l'argent, dans les couches plus aisées de la société coloniale.

Dans le secteur des céramiques culinaires et comme on pouvait s'y attendre, c'est Vallauris qui se taille une part hégémonique des approvisionnements, avec des marmites « droites », des poêlons, des terrines à feu en plus faible quantité et quelques rares « toupins » ou pots à cuire à une anse (Amouric *et alii*, 1999 ; 2009: 62-93 ; 128-129 ; 154-164 ; 192-195) (Fig. 4 n° 9). Il est intéressant de noter ici que cette même poterie aux exceptionnelles qualités intrinsèques de résistance aux chocs thermiques a été utilisée de façon universelle, dans tous les groupes sociaux de l'époque coloniale, y compris après l'abolition de l'esclavage en 1848.

Au XIXe et au début du XXe siècle, les quantités de terres cuites réfractaires provenant de Vallauris deviennent considérables, ce dont témoignent aussi bien les états de transport maritime, les découvertes archéologiques et l'iconographie. C'est alors par centaines de milliers de pièces qu'arrivent les « pignattes » et les « poêlons » (Fig. 4 n° 4 et 5), ainsi qu'en nombre plus réduit, les terrines (Fig. 4 n° 6-8), comme le montrent des exemples aussi bien en Martinique qu'en Guadeloupe (Fig. 4 n° 10).

En effet, la situation est exactement symétrique, dans cette dernière île et ses dépendances, avec ce même répertoire limité aux marmites droites, aux poêlons et aux terrines. Ici encore se pose la question de la réduction du répertoire des formes qui voyagent. Pourquoi seulement des marmites droites, hautes et basses (Fig. 4 n° 1 et 3) et point de marmites arabes ou rondes (à une exception près, à la Maison Desroc de Saint-Pierre, Fig. 4 n°2). Les maisons urbaines Antillaises ont généralement en effet des « potagers » et des foyers identiques à ceux du sud de la métropole et les particularités de la cuisine créole, pour ce que l'on en sait et en dépit de ses évolutions ne diffère guère dans ses modes de préparation.

Tardivement, dans la première décennie du XXe siècle, sont attestés quelques rares exemples de céramiques culinaires fabriquées à Marseille même, dans le faubourg de La Barasse, mais dans une usine créée pour la circonstance sur le modèle de Vallauris, travaillant de la terre de Vallauris, tournée par des ouvriers de Vallauris. Il s'agissait alors simplement de raccourcir le circuit de distribution de ces terres cuites au destin quasi universel en rapprochant le lieu de production du principal port d'embarquement.

L'ensemble des jarres qui arrivent dans les îles françaises dès le XVIIe siècle, appelées dans les textes « jarres de Provence » a été fabriqué dans les ateliers de Biot, ville voisine de Vallauris en Provence orientale qui exporta ses produits de très haute qualité dans le monde entier et jusqu'au Canada (Amouric, Vallauris, 2005 ; Amouric *et alii*, 2006). Si les exemples archéologiques des XVIIe et XVIIIe siècles sont encore assez rares, les sources écrites indiquent un flux irrégulier mais significatif, à tout le moins au XVIIIe siècle, et toutes les évolutions de formes, de marquage et d'usages sont bien illustrées par les objets parvenus jusqu'à nous (Fig. 5 n° 1, 3, 5). Les archives commerciales marseillaises corroborent ce que nous savons au travers des actes conservés aux Antilles de l'évolution des prix, très erratique, ce qui est assez surprenant et qui laisse à penser que bien souvent ces



Fig.3 Plats d'équipages de l'Huveaune, 1, Habitation Tivoli, Fort-de-France ; 2, Baie de Saint-Pierre ; 3, Saint-Pierre, Musée Franck Perret ; 4-5, terrines ou tians, fouilles de Saint-Pierre et Port du Moule (Guadeloupe) ; 6-7 pots de chambre du Port du Moule et Maison Coloniale de santé (Saint-Pierre) (Dessin et Cl. LA3M et Vicens).

Planches en couleurs rajoutées pour ce documents



Fig.4 Culinaires de Vallauris, 1,3, marmites droites, haute et basse, château Perrinelle, Saint-Pierre ; 2; marmite ronde, Maison Desroc, Saint-Pierre ; 4,5 poêlons, Baie de Saint-Pierre ; 6-8, cassoles, port du Moule et baie de Saint-Pierre ; 9, toupin/cafétière, baie de Saint-Pierre ; 10, déchargement des Vallauris à Fort-de-France, 1900. (Dessin et Cl. LA3M et coll. Amouric).

Planches en couleurs rajoutées pour ce documents



Fig.5 Jarres de Biot, 1, estampille à la fleur de lys, XVIIe s. château Perrinelle ; 2, jarre perforée au col, XVIIIe s., coll. part. ; 3, jarre de l'Eglise du Fort, XVIIIe s., Saint-Pierre ; 4, case à eau du château Dubuc, La Trinité, Martinique, XVIIIe s. ; 5, jarre de confiseur marseillais, XIXe s., coll. part. ; 6, jarre recueillant l'eau d'une gouttière, Guadeloupe ; 7, jarres XVIII-XIXe s., coll. part. ; 8, case à eau de l'Habitation Galion, Le Robert, Martinique, début du XIXe s (Cl. LA3M et Fondation Clément).

Planches en couleurs rajoutées pour ce documents

jarres ont aussi voyagé comme contenant de denrées diverses avant de connaître une seconde vie comme contenant à eau principalement. Gaston Rambert résume ainsi la question : « Son prix d'ailleurs a connu des hauts et des bas : de 2 livres avant la guerre de Succession d'Autriche, il passe rapidement à 3 livres en 1746, à 5 en 1741, puis exceptionnellement à 9 en 1754 ; en 1763 il redescend à 6 livres, puis derechef à 3 ; il remontera enfin à 6 livres en 1775 pour s'y tenir. L'année la plus active pour les exportations est l'année 1767 avec 3 113 jarres valant 18 678 livres. Il relève en note, l'irrégularité de ces entrées : « Les statistiques (A.C.C.M., I 22 à 24) révèlent d'ailleurs de nombreuses années de ventes nulles, 1758 à 1762, 1769 à 1771, 1776 à 1780 » (Rambert, 1959 : 428-430).

La conservation de l'eau des capitaines sur les navires de la flotte royale et de façon plus générale dans les « habitations », maisons de maîtres des îles, mais aussi dans les demeures urbaines fut le destin principal de ces gros contenants. Ils furent souvent, au moins à partir du XVIIIe siècle assemblés et maçonnés dans des installations nommées « cases à eau » dont les plus importantes regroupaient plusieurs dizaines d'unités, ou simplement placés sous une gouttière (Fig. 5 n°4, 6, 8).

La plupart de ces dispositifs ont disparu et les jarres sont généralement réutilisées comme élément de décor dans les jardins (Fig. 5 n° 7). Certaines présentent néanmoins des percements suggérant un dispositif de tuyauterie les reliant entre elles (Fig. 5 n° 2).

Venant aussi de Biot, un autre objet à l'usage très particulier a été reconnu dans les séries archéologiques de l'Habitation Berg en Guadeloupe et dans le quartier du Figuier à Saint-Pierre de la Martinique, identiques à ceux exhumés lors des fouilles du Palais de l'Intendant à Québec. Ces petits contenants aux parois épaisses étaient destinés à la conservation des raisins frais pour l'hiver.

COULEUR CAFÉ

La présence de terres vernissées fines d'Albisola en Ligurie est tout à fait logique dans des îles dont l'approvisionnement en céramique provençale est aussi important. Le développement du goût de la « couleur café » au XVIIIe siècle d'une part et l'intensité des échanges entre Ligurie et Provence expliquent la présence de ces terres « à taches noires » légères, attrayantes et bon marché jusque dans les Antilles lointaines. Le répertoire de ces vaisselles est le même qu'en Provence, terrines couvertes à préhension à décor moulé d'orfèvrerie, écuelles à oreilles, pots à café, bols, tasses et surtout assiettes comme dans le Midi français (Amouric *et alii*, 1999 ; Capelli *et alii*, 2013) (Fig. 6 n° 1-3). Le succès de cette teinte s'est par ailleurs étendu à partir de la fin du XVIIIe s. à des fabrications anglaises et par la suite néerlandaises.

ELARGISSEMENT ET DIVERSIFICATION

Au côté de la triade provençale et des taches noires d'Albisola, les ateliers méditerranéens ne sont pas représentés ou peu s'en

faut. A ce jour, un fragment de col de jarre ligure des niveaux anciens du château Perrinelle, la découverte d'une « poule » à décor « bordonado » venant d'Agost en pays valencien (Maison Desroc) et une mention de « jarre d'Italie » dans un inventaire notarié, constituent les seuls occurrences de provenance autre que provençale. Encore faut-il noter que dans ce dernier cas, la source, tardive, est plus que laconique, associant jarre de Provence et d'Italie : ainsi, le testament du sr Darné, de Fort Royal, enregistre-t-il la donation en paiement de gages dus à sa servante d'une partie des biens de sa maison de la grande rue, « Huitièmement D'une grand jarre de provence et d'une d'Italie estimées ensemble à soixante six livres » (ANOM MAR 890, 7 avril 1798).

Au XIXe siècle, comme au siècle précédent, les terres de l'Huveaune importées massivement dans les Antilles, se répartissent entre un petit nombre de formes, les « tians » pour la toilette, la lessive et tous usages de type bassine, des « plats d'équipage » au décor de plus en plus simplifié d'engobe, des pots de chambre à foison, bien évidemment, mais aussi dorénavant quelques cruches, des pots à conserves, un alcarazas, des vases Médicis vernissés pour le jardin, de simples pots de fleurs sans revêtement, certains au décor peigné (Fig. 6 n°5-8). D'autres catégories s'ajoutent à ce catalogue restreint comme les « bains de jambes » assez nombreux mais connus seulement au travers des sources écrites.

Nous conservons ainsi le témoignage exceptionnel d'un dispositif de « toilettes » bien conservé dans la Maison Coloniale de Santé de Saint-Pierre, où sont encore en place des « cuvettes latrines » tronconiques, qui existaient aussi en faïence ordinaire (Amouric *et alii*, 2008: 250-251) (Fig. 7 n° 1).

Parmi les fournisseurs secondaires de la Vallée du Rhône signalons aussi les produits très réfractaires de Dieulefit qui accède au marché colonial à l'extrême fin du XVIIIe siècle et plus encore après la création du chemin de fer local au XIXe siècle (Fig. 7 n° 2). Les porcelaines à feu de Saint-Uze décorées au tampon en bleu circulent marginalement dans la deuxième moitié du XIXe siècle Amouric *et alii*, 2009: 131)(Fig. 7 n° 3), tout comme quelques pipes blanches de Saint-Quentin-la-Poterie, qui ne représentent que très peu de chose par rapport aux importations massives de Hollande au XVIIIe siècle et du Nord de la France (Saint-Omer et Onnaing) au siècle suivant.

LES TERRES CUITES D'ARCHITECTURE

Une bonne part des céramiques d'architecture proviennent aussi de Provence, Marseille pour l'essentiel, mais aussi son arrière-pays, Aubagne en particulier, qu'il s'agisse de carreaux de sols bruts (malons), de tuiles ou de tuyaux de canalisation vernissés intérieurement (borneaux) des fabriques Marius Cas ou Nègre, par exemple (Fig. 7 n° 4 et 5) (Amouric 2001).

D'intéressantes adaptations au marché local, sont à noter, l'importation de tuiles écaillées à crochet généralement préférées pour les toitures locales (Fig. 7 n° 10), de briques et

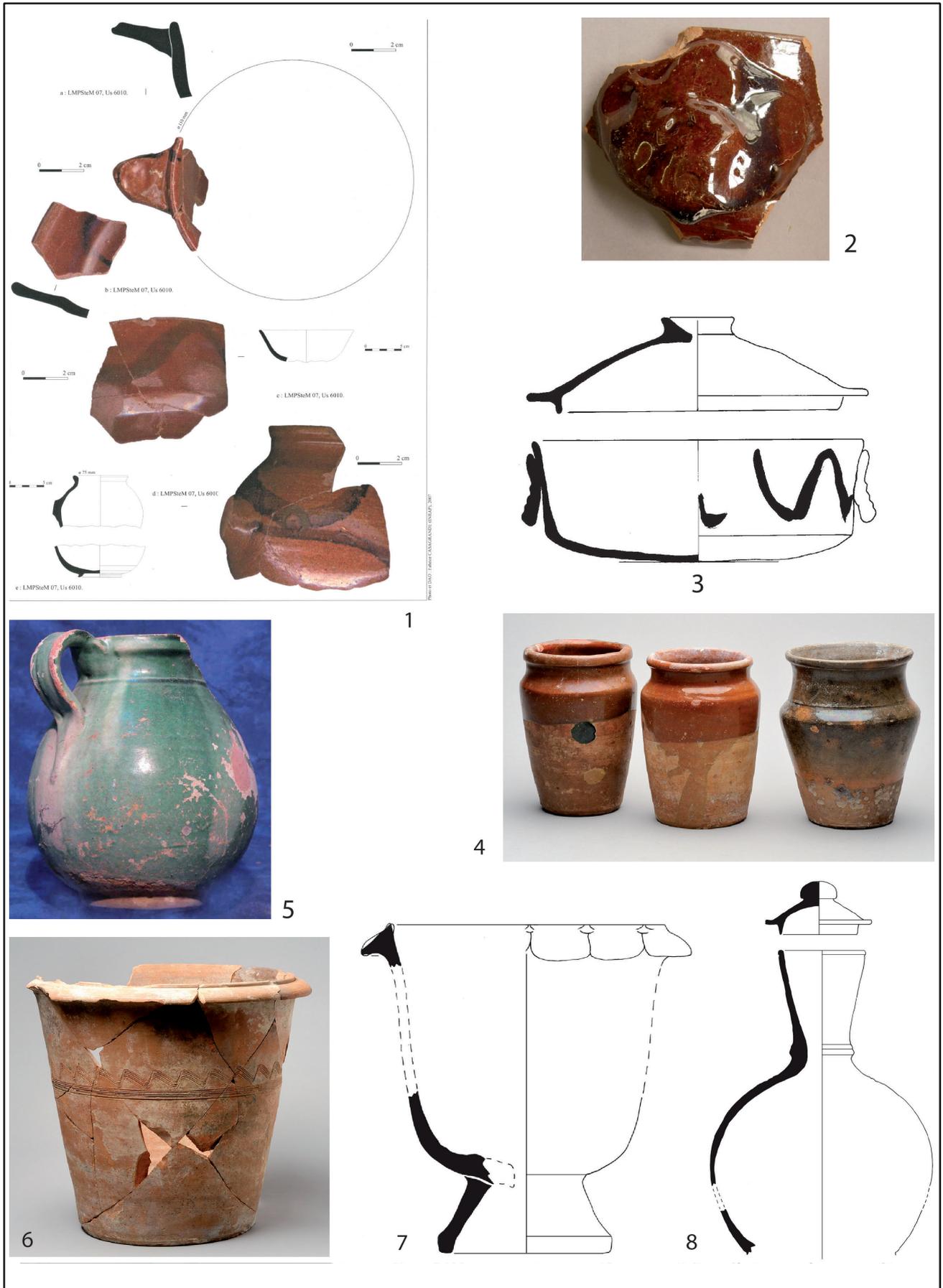


Fig.6 Terrailles d'Albisola, 1, Palais Sainte-Marguerite, Le Moule, Guadeloupe ; 2, anse de terrine moulée, château Perrinelle ; 3, terrine couverte de l'épave du Grand Congloué, Marseille ; Vallée de l'Huveaune, 4, pots à conserve, coll. part. ; 5, cruche, port du Moule ; 6, vase de jardin, château Perrinelle ; 7 et 8, vase médicis et alcarazas, maison Desroc (Dessins, Casagrande, Inrap, DRASSM, LA3M, et Cl. Casagrande, Vicens et LA3M).

Planches en couleurs rajoutées pour ce documents



Fig.7 1, cuvette de latrine, Maison Coloniale de Santé, Saint-Pierre ; 2, jatte de Dieulefit, port du Moule ; 3, pot à café de Sainte-Uze, coll. part, Guadeloupe ; 4, tuyau de canalisation de Marius Cas, Aubagne, Saint-Pierre ; 5, Carreau de Marius Cas, Guadeloupe ; 6, 7, tomettes de Salernes et d'Orange, château Perrinelle ; 8, carreau de Joseph Mourraille, Séon-Saint-André, Marseille, Saint-Pierre ; 9, tuile de Pierre Sacoman, Saint-Henry, Marseille, Saint-Pierre ; 10, tuile écaille de Marseille, baie de Saint-Pierre. (Cl. LA3M et Vicens).

Planches en couleurs rajoutées pour ce documents

de carreaux de sols ou de « potager » ancêtre de nos modernes cuisinières. Ces objets pondéreux servirent sans doute de lest tout au long des XVIIIe et XIXe siècles dans les voyages à l'aller vers les Antilles françaises, comme les fouilles sous-marines de la Baie de Saint-Pierre le montrent à l'envi.

La documentation écrite des « Entrées et sorties » du port de Marseille entre 1724-1780 est des plus précieuses car constituant une série longue. Elle est cependant affectée de l'incertitude initiale qui découle du fait que l'on ne distingue pas dans le mouvement général des exportations, les différentes « îles françaises » de l'Amérique, lesquelles sont traitées dans une même rubrique qui comprend donc aussi Saint-Domingue, dont l'importance dans ce trafic pourrait avoir été grande. Néanmoins les natures et quantités de produits exportés ne sont pas indifférentes.

En ce qui concerne les « Briques, carreaux de brique et de terre » dont la quasi totalité part pour les Antilles (38 590 650 pièces sur 42 934 037), il est clair que le flot fut continu, avec des écarts parfois gigantesques de 29 000 seulement en 1761 à 7 564 000 en 1771 et des variations en tout état de cause très importantes d'une année sur l'autre ! L'événementiel explique à n'en pas douter certains étiages et les accidents climatiques les pics de consommation. Le ministère de la marine prend ainsi des dispositions pour que l'on intensifie les envois en Guadeloupe, après le raz-de-marée de juillet 1765 et le cyclone de 1776 (A.C.C.M H 22).

Les sources locales confirment la place importante qu'occupaient les tuiles, briques et « malons » importés de Provence parmi les matériaux de construction et il est communément admis aussi que ces pondéreux ont constitué un lest utile.

Il est cependant probable que sous l'Ancien Régime, les ports du Ponant ont fourni à parité avec la Provence, ne serait-ce qu'au regard de la nature des produits de l'Ouest français, qui privilégiaient les tuiles écaillées, en vogue aux Antilles et que la Provence était déjà depuis bien longtemps le royaume de la tuile canal.

L'essentiel n'est cependant pas là, mais bien plutôt dans ce que les usines de la SGTM ont fourni à la fin du XIXe siècle et après. D'immenses quantités de tuiles à recouvrement ont pris le chemin de l'arc caraïbe (Ratier 1989). La puissance industrielle de ces usines regroupées dans une holding très structurée leur a permis une diffusion quasi-universelle jusqu'à la guerre de 1914 (Fig. 7 n° 8, 9).

D'autres fabriques ou regroupements plus modestes ont aussi eu accès au marché colonial. Il en va ainsi des ateliers de Salernes dans le Var qui ont donné des tomettes hexagonales (Fig. 7 n°6) (Abel, Amouric, 1991: 93-97), ou plus étonnant encore de ceux d'Orange en Vaucluse, qui ont également exporté des tomettes et de très étonnants carreaux bipartites en terre blanche et rouge teintés dans la masse (Fig. 7 n° 7).

A partir des années 1860-1880, les carrelages émaillés blancs ou colorés s'installent dans les pièces où les principes hygiéniques favorisent leur présence, cuisine et salles d'eau. Une bonne part d'entre eux provient des usines provençales

en particulier d'Aubagne (Fig. 8 n° 11) (Amouric, Vallauri, Vayssettes, 2009 : 23).

FAÏENCES DE PROVENCE

En matière de faïence, la présence provençale est bien attestée dès le XVIIIe avec une part majoritaire ou en tout cas importante si l'on garde en mémoire que les « faïences » importées comprenaient sans doute/peut-être ? des terres vernissées. Mais il convient également de prendre en compte dans ces importations au moins une partie de celles de Bordeaux venues de Provence par le Canal du Midi après 1681.

La plupart de ces faïences, comme le disent les textes de « connaissances » maritimes sont des assiettes rondes à galon simple, bleu ou jaune, modèles ordinaires produits aussi bien dans le très célèbre centre de Moustiers qu'à Varages et autres ateliers satellites (Bertrand 1983 ; Réseguier 1990) ; plus rares sont les plats ovales à bord chantourné et décor de ferronneries sophistiquées dans le style Berain (Fig. 8 n° 1-7) (Julien 1998).

Marcel Provence, résumant ce que l'on sait de ce commerce de Moustiers florissant à l'époque, vers l'ensemble des îles françaises, en indique la valeur vénale : « C'est aussi l'époque où les exportations de produits céramiques atteignent un premier plafond... pour les faïences diverses, 129 300 livres et 211 800 livres respectivement. En 1750 et 1754 ». L'activité reprendra d'ailleurs après la guerre de Sept Ans et se soutiendra jusqu'en 1788, année au cours de laquelle les exportations de faïences aux îles atteindront encore 185 292 livres, soit plus des deux tiers de la production des douze fabriques en fonctionnement » (Provence, 1933 et Masson, 1936).

Par ailleurs, des actes nous disent que d'autres objets et services plus luxueux, en faïence de Marseille ont été expédiés vers les Antilles au XVIIIe siècle, mais nous n'en avons pour l'heure aucun témoignage archéologique (Amouric, 1990).

Les inventaires et autres actes notariés ne nous sont pas d'un très grand secours, car ils ne comportent pas d'éléments descriptifs qui permettraient de renvoyer à une catégorie précise ; il n'empêche qu'à l'occasion, les tabellions sont capables de distinguer l'origine des faïences qu'ils énumèrent. Ainsi, le 14 Octobre 1785, le Sr. Desgottes vend au Sr. Prieur dit Laroze cinq douzaine d'assiettes de fayance de Normandie et Provence, vingt neuf plats de fayance dite, deux salladiers de fayance de Provence.. » (ANOM DPPC MAR 259).

En juillet 1793, dans la liste des effets apportés à son mariage par le citoyen Louis Edouard trouve-t-on, « 1 douzaine dito (assiettes) de provence..8 l. 5 s » (ANOM MAR 523).

La cartographie des sources d'approvisionnement rend bien compte et de la prépondérance de Marseille au départ et de Saint-Pierre à l'arrivée, Fort-Royal n'étant qu'un établissement secondaire à l'époque.

Une catégorie d'objets emblématiques du XIXe siècle est très bien représentée dans les séries archéologiques subaquatiques et terrestres des îles, les « pots à pommade »



Fig.8 1, assiette de Moustiers, Deshaies, Guadeloupe ; 2-7, bords d'assiettes de Moustiers, château Perrinelle et Sous-Préfecture ; 8, pots à pommade Maison Coloniale de Santé, Saint-Pierre ; 9-10, Basse-Terre, Guadeloupe ; 11, pile de carreaux émaillés, Saint-Pierre, Musée Franck Perret ; 12, Vierge de Marseille, Saint-Pierre, château Perrinelle. (Dessins et Cl. Casagrande et LA3M).

Planches en couleurs rajoutées pour ce documents

au fond trompeur d'abord blancs puis émaillés de couleurs vives. Ces vraies faïences stannifères arrivaient en « malles de pommades » aussi bien depuis Marseille que Bordeaux. Ils sont particulièrement bien documentés par les séries archéologiques en particulier, celles de Basse-Terre en Guadeloupe (Fig. 8 n° 8-10) (Vallauri 2012). Moustiers, Varages, Grasse, Cabris et Le Cannet en ont livré de grandes quantités aux pharmaciens provençaux et aux parfumeurs de Grasse qui les remplissaient de leurs compositions sophistiquées (Vindry 1997-1998).

ORA PRO NOBIS

Avec le retour d'une piété populaire favorisée par le mouvement de reconquête des âmes de la Restauration, un objet typiquement marseillais confectionné par des figuristes d'origine souvent italienne connaît une diffusion dans la société des marins sur la façade atlantique de la France et aux îles françaises dans des contextes certainement plus bourgeois (Bertrand, 2006). Plusieurs exemples de ces « santibelli », dorés, habillés, accessorisés et protégés par des globes de verre sont issus des cases des travailleurs du château Perrinelle ou d'autres sites de Saint-Pierre (Fig. 8 n° 12). Ces trésors de dévotion, nous disent les gazettes du temps, arrivaient régulièrement par caisses depuis Marseille à Saint-Pierre, qu'ils n'ont pu cependant protéger des fureurs et des convulsions de la terre !

BIBLIOGRAPHIE

- ABEL, Véronique, AMOURIC, Henri dir. (1991) - *La céramique, l'archéologie et le potier. Etudes de céramiques à Aubagne et en Provence du XVIe au XIXe siècle*. Catalogue de l'exposition, Aubagne, 142 p.
- ABEL, Véronique, AMOURIC, Henri (1995) - Les ateliers de l'Huveaune du XVIe au XIXe siècle. In *Ve Colloque international de la céramique médiévale en Méditerranée occidentale, Rabat 1991*, Rabat, p. 84-93.
- AMOURIC, Henri 1990 - Concurrences ? Faïences provençales et faïences étrangères au XVIIIe siècle. In *La faïence de Marseille au XVIIIe siècle, la manufacture de la veuve Perrin*, catalogue de l'exposition, Marseille, p. 82-93.
- AMOURIC, Henri, ABEL, Véronique (1995) - *Terres de mémoire. 100 ans de céramiques à Aubagne. XIXe-XXe s.* Catalogue de l'exposition, Aubagne, éd. Narrations, ISBN 978-290-982-250-52.135 p.
- AMOURIC, Henri (2001) - *Des ateliers et des hommes : être céramiste à Aubagne aux XIXe et XXe siècles*, catalogue de l'exposition, GHB, Aubagne, 184 p.
- AMOURIC, Henri, RICHEL, Florence, VALLAURI, Lucy (1999) - *Vingt mille pots sous les mers. Le commerce de la céramique en Provence et Languedoc du Xe au XIXe siècle*. Catalogue d'exposition. Musée d'Istres : Edisud, Aix-en-Provence, 197 p.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy (2005) - *Voyages et métamorphoses de la jarre*, catalogue d'exposition Aubagne, An Mil d'Aubagne.
- AMOURIC, Henri, ARGUEYROLLES, Laurence, VALLAURI, Lucy, (2006) - *Biot, Jarres, terrailles et fontaines, XVIe-XXe siècles*. Arezzo, Biot, 124 p.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy (2007) - *Céramiques Méditerranéennes et du Midi français dans les Colonies d'Amérique : fin XVIIe-XVIIIe s.* Relecture et Nouveaux Apports, In AVERY, George (ed.) *French Colonial Pottery. An International Conference*. Northwestern State, University Press, Natchitoches, Louisiana, ISBN 978-0-917898-29-7. Pp. 199-257.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy, VAYSSETTES, Jean-Louis (2008) - *Poteries d'Eaux. Les Eaux de la Terre, du Corps et du Ciel*: Lucie éditions & Agglomération Pays d'Aubagne et de l'Etoile. ISBN 978-2-35371-030-0, 351 p.
- AMOURIC, Henri, VALLAURI, Lucy, VAYSSETTES, Jean-Louis (2009) - *Terres de feu, de lumière et de songes dans le Midi français Xe-XXe siècles* : Lucie éditions & Communauté d'Agglomération Pays d'Aubagne et de l'Etoile. ISBN 978-2-35371-065-2, 408 p.
- AMOURIC, Henri, SERRA, Laurence (2013) - Provence, Ligurie, Espagne, le marché des Amériques à la lumière des découvertes subaquatiques (XVIIe-XIXe s.). In *Atti del XLV convegno internazionale della ceramica, Savona, 25-26 maggio 2012, Navi, relitti porti : il commercio marittimo della ceramica medievale e postmedievale*, p. 151-164.
- BERTRAND, Paul (1983) - *Faïences et faïenciers de Varages : 3 siècles de tradition depuis 1695*. Varages : Ass. les faïences de Varages.
- BERTRAND, Régis (2006) - *Santibelli : figurines de Provence, photographies de Alain Sauvan* ; préface de Michel Biehn. Paris, Aubanel.
- CAPELLI *et alii* (2013) - L'épave du Grand Congloué 4 : Caractérisation archéologique et archéométrique d'un lot de céramiques à tâches noires de Albisola-Savona. In *Atti XLV convegno internazionale della ceramica, Navi, relitti e porti : il commercio marittimo della ceramica medievale e postmedievale*, Savona 25-26 Maggio 2012, p. 7-16.
- CASAGRANDE, Fabrice (2007) - *Le Moule « Palais Sainte-Marguerite (Guadeloupe-971)*. Rapport de diagnostic, INRAP.
- DEAGEN, Kathleen (1987) - *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800, volume 1 : Ceramics, Glassware, and Beads*, Washington, D.C. London, Smithsonian Institution Press, ISBN 0-87474-392-3, 222 p.
- FLOHIC JEAN-LUC DIR. (2012) - *Le patrimoine des communes de la Martinique*. Fondation Clément, éd. Attique. ISBN 2-915987-03-3. 473 p.
- GABRIEL, Isabelle (2008) - *Vaisselle et poterie d'antan. Archéologie et patrimoine historique*. Catalogue d'exposition, Guadeloupe.
- JULIEN, Louis et al. (1998) - *Faïenciers de Moustiers, biographies et pièces marquées*. Barbentane, Ed. equinox.
- MARKEN, Mitchell. W. (1994) - *Pottery from spanish shipwrecks 1500-1800*. University Press of Florida, ISBN 0-8130-1268-6. 264 p.
- MASSON, Paul (1936) - *La Provence au XVIIIe siècle, Tome 3*, pp. 703-704.
- PROVENCE, Marcel (1933)-*Faïences de Moustiers et de Turin au XVIIIe siècle*. Aix, éditions du Feu.
- RAMBERT, Gaston (1959) - *Histoire du commerce de Marseille, tome VI, De 1660 à 1789*, Les Colonies, 664 p.

- RATIER, Yves (1989) - *La terre de Marseille. Tuiles, Briques et Carreaux* Histoire du commerce et de l'industrie de Marseille XIXe-XXe siècles, Tome IV, 268 p.
- RESSEGUIER (DE), Bernadette, (1990) - Moustiers et Varages. In *Actes du Ve colloque national de céramologie, Paris- 1 et 2 décembre 1990*, ed. Varia, p. 27-30.
- SOMMERA, Jean-Claude (1988) - *Les Trois Ilets, Habitation Anse à l'Ane*, manuscrit, SRA Martinique, dépôt M. Mousnier.
- VALLAURI, Lucy (2012) - Le mobilier céramique. In GARROS, Benoît – L'EHPAD, *Ancienne école Jeanne d'Arc, Basse-Terre, Guadeloupe*. Rapport final d'opération archéologique, époque coloniale (XVII-XVIIIe siècles) et contemporaine (XIXe siècle), vol. 1 p. 122-127, vol. 2 fig. 295-368.
- VICENS, Bernard dir. (2011) - *Racines Sous-Marines (catalogue d'exposition 2011-2012, L'archéologie sous-marines, La Guadeloupe et ses îles)*, Petit-Bourg, PREPASUB.
- VINDRY, Georges (1997-1998) - Une céramique provençale pré-industrielle. Les pots en faïence destinés aux bases de parfumerie. In Atti -XXX-XXXI convegno internazionale della ceramica, p. 93-96.